

TECENDO REFLEXÕES SOBRE RACISMO NA PEÇA *ANJO NEGRO* DE NELSON RODRIGUES

Maria José Lopes Pedra¹

Resumo: Pretende-se neste artigo analisar a forma de preconceito presente na peça teatral *Anjo Negro* de Nelson Rodrigues, observando que o negro a todo instante é submetido ao preconceito e a discriminação de forma camuflada que ainda encontra-se presente na sociedade. Na obra, o preconceito é visto e vivido com muita intensidade pelo personagem principal Ismael, um jovem negro que discrimina a própria cor da pele. Partindo desta constatação, fez-se necessária uma pesquisa bibliográfica, pautando-se nas teorias de Bento (2002), Fanon (1983), e Fernandes (1965), que fundamentam esse artigo. Assim, verificou-se que o personagem principal, torna-se reflexo de uma sociedade altamente racista e por isso, adquire o complexo de inferioridade, no qual discrimina a cor de sua prole.

Palavras-chave: Peça teatral, Ismael, preconceito racial.

Anjo Negro é uma peça teatral de Nelson Rodrigues, escrita em 1946, e publicada em 1948. As peças teatrais não possuem narradores e são divididas entre atos e cenas, assim, *Anjo Negro* contém três atos voltados para a discussão do racismo, bem como, é perceptível a presença de outras temáticas, como o abuso sexual, questões familiares, violência, cárcere privado, dentre outros.

O título por si só, já carrega em seu contexto o conteúdo a que o autor se dedica na peça, na qual se refere a uma impotência social do negro, vítima de uma sociedade que discrimina e que faz o homem de cor se autodiscriminar.

Por meio de uma história de amor e ódio entre Ismael: homem de cor e Virginia: mulher branca, o autor discute o preconceito racial na peça, de forma a criticar o próprio negro que não aceita a sua cor de pele. É uma peça que apresenta um enredo triste, às vezes, monstruoso, pois o personagem principal, Ismael apresenta atitudes absurdas para mostrar a sua indignação com a cor que veste o seu corpo. No decorrer da trama, é

¹ Pós graduanda pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus XVI – Irecê - BA. Marialopes_pedra@hotmail.com.



evidenciada também, a questão do preconceito praticado por personagens que representam a classe branca, no qual, esses, exprimem discursos que subtrai a figura do negro frente a outras etnias.

Pode-se dizer que, a escravidão foi o principal motivo para proliferar o preconceito racial no Brasil; pois, após a libertação dos escravos, os negros continuam sendo vistos como seres indiferentes. De acordo com Florestan Fernandes:

(...) o preconceito e a discriminação racial apareceram no Brasil como consequências inevitáveis do escravismo. A persistência do preconceito e discriminação após a destruição do escravismo não é ligada ao dinamismo social do período pós-abolição, mas é interpretada como um fenômeno de atraso cultural, devido ao ritmo desigual de mudança das várias dimensões dos sistemas econômico, social e cultural. (FERNANDES, p. 27, 1965).

Diante desta perspectiva, percebe-se que o negro deixou de ser escravo, porém a cor, ainda é requisito de separação entre classes. Essa diferença ocorre justamente porque o negro saiu da escravidão sem obter ascensão social.

No livro *A integração do negro na sociedade de classes*, Florestan (1965) tenta reconstruir o drama que o negro vivenciou para tentar se adaptar aos moldes da sociedade de trabalho livre. Para Fernandes, a sociedade brasileira, após-abolição, continuou ignorando o negro como ser humano, deixando-o às margens, e se isentando da responsabilidade de fazer com que esta raça diferenciada compartilhasse dos novos padrões e ideais do homem.

Diferente: é a palavra que distingue o ser branco do negro, porém, muitos não conseguem aceitar a teoria da diferença de raças e acabam, por querer mostrar dominação de cor em uma dada sociedade, como, por exemplo, os brancos, que por muito tempo, discriminavam e discriminam os negros, deixando-os na condição de inferioridade, bem como, o distanciando da figura humana.

O preconceito é um problema que traz sérias consequências ao afrodescendente, como também, é algo que preocupa a muitos, por não haver, ainda, soluções precisas para tal. Na maioria das vezes, os negros acabam tendo preconceito com outros da mesma etnia, sendo essa uma das piores formas de racismo, por figurar a desvalorização da própria identidade. É perceptível, ainda, nas diferentes sociedades, a existência de um alto índice de negros que não aceitam a cor de sua pele, como no caso do personagem, Ismael.

A temática discutida em *Anjo Negro* não se distancia da realidade brasileira; por ser uma peça teatral, o autor insere momentos que ultrapassam o real, porém, os sentimentos de desprezo e de complexo de inferioridade, estão muito bem associados ao

que acontece no cotidiano. É comum escutar pessoas afrodescendentes, falarem que são morenos, pardos, cravo e canela, café com leite, menos negro. A cor da pele é motivo de opressão, pois existem muitas pessoas da cultura branca, que rejeita o negro por ser diferente. Diante dessa perspectiva, percebe-se que existem fatores da natureza, que influenciam na não aceitação do homem de cor como negro.

Esses fatores podem ser percebidos, quando o negro se encontra frente a situações que destrói a sua autoimagem por causa da cor da pele; pelas oportunidades perdidas; isso tudo o leva a ser também preconceituoso, pois tais fatores acabam por despertar sentimentos de revolta e de tristeza naquele que sofre racismo.

Quando isso acontece, muitos negros acabam buscando formas de se aproximar de outra etnia. Na peça, Ismael apresenta alguns motivos que o leva ao branqueamento, ou seja, ele pratica coisas em que a sociedade julga ser do branco, como, por exemplo, a profissão de médico, esta que na maioria das vezes, é exercida por brancos; em *Anjo Negro*, Ismael é um médico, onde escolheu essa profissão para garantir um status social e ser visto com bons olhos pela sociedade.

Hélio Santos (2001, p. 154), refletindo sobre a identidade afro-brasileira em seu texto, *A busca de um caminho para o Brasil*, faz uma comparação de como o negro é tratado nos Estados Unidos e no Brasil. Este autor assegura que, “Lá, uma gota de sangue negro o torna negro” e “aqui basta uma gota de sangue branco para ser branco”. Santos (2001), reafirma a ideia discutida neste artigo, a de que, o negro para se tornar branco, só precisa adequar-se aos moldes do mesmo.

Bento (2002) considera que no Brasil, o branqueamento é um problema do afrodescendente, quando este procura identificar-se como branco por não se contentar com sua cor. Ainda para esta autora o branqueamento serve como ascensão social para o negro, reforçando assim a ideia de que o homem de cor não deve penetrar no mundo dos brancos se não for de acordo com esta cultura.

Na peça teatral, Ismael surge como reflexo do negro que se auto descrimina. Para o personagem, a única solução de não contribuir com a negritude, é gerar filhos brancos. Como tentativa de fuga, Ismael estupra Virgínia, por ver nela, possibilidades de realizar seu sonho. Após o estupro, Virgínia é obrigada pelos moldes familiar a casar-se com Ismael e a partir daí, começa a gerar filhos, porém, esses, não desejados pelo casal.

De acordo com Peggy Phelan (1993, p. 112), ao tratar da psicanálise freudiana, o “abuso sexual poderia ser mais bem explicado como indicações de uma fantasia de

sedução, a relação emaranhada entre o segredo, o sexo e a inveja, e o abuso operando em relações de poder desigual, se tornou ainda mais difícil de desemaranhar.” É exatamente esse emaranhado que acontece entre Ismael e Virgínia, dando ênfase para a inveja, que Ismael tinha da esposa por causa da cor da pele, e para o abuso, em que a mulher por ter menos força que o homem, acaba vivendo momentos, muitas das vezes, indesejados. Virgínia, apesar de ter sido submetida ao estupro, mostra-se, durante a trama, apaixonada pelo esposo, por causa do ato sexual.

Moutinho (2004, p. 434), salienta que, “o comportamento sexual de uma identidade está marcado, no eixo do erotismo, pela hierarquia ‘racial’”. Fanon (1983), por sua vez, explica que, para o africano, o ato sexual é apresentado como natural. Ele chama a atenção ainda para o fato de que as representações que os europeus têm sobre os negros estão matizadas de sexualidade. Para muitas pessoas de etnia branca, os negros possuem uma dominância no ato sexual.

Fanon (1983) fala em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* sobre a relação amorosa entre um casal “preto e branco”. Para enfatizar esse discurso, o autor utiliza como exemplo uma mulher negra que mantém uma relação amorosa com um homem branco europeu, cuja relação não permite a predominância do verdadeiro amor, pois existem entre o casal, questões relacionadas ao negro que são determinantes nas relações sociais.

A peça é dividida em três atos onde é apresentada relação de amor e ódio, momentos de muita tensão e de tragédia. O primeiro ato acontece na sala da casa de Ismael em que se encontram algumas senhoras comentando a falta de consideração de Virgínia por não querer ver o filho morto, ou melhor, o filho que ela própria matou por nascer com a cor escura. Essa é outra discussão voltada para o preconceito, desta vez, presente na figura de Virgínia. Se Virgínia assassina as crianças negras, no decorrer da trama, não é só porque Ismael não as quer, é por causa da própria mulher que também não as desejam. Virgínia, mulher que foi estuprada, vê nas crianças a imagem de Ismael, homem, devasto e cruel, mesmo que em determinadas cenas ela encontra-se apaixonada pelo marido.

Na peça podem ser observadas duas concepções de anjo negro, a das crianças como verdadeiros anjos, por serem, ainda inocentes e a de Ismael como a figura do demônio. Cada criança de Ismael e Virgínia, que são assassinadas por causa da cor da pele, tornam-se anjos, já que a ideia que se tem de anjos, são bebês, que morrem antes de conhecer o pecado, porém, na peça, tais crianças não são figurados com a imagem de

anjos que ficara cristalizados nas sociedade; brancos e de olhos azuis, mas sim, anjos de pele e olhos negros, como pode ser percebido no trecho da peça *Anjo Negro*:

Senhora (na sua dor) – É o terceiro que morre. Aqui nenhum se cria!

Senhora – Três já morreram. Com a mesma idade. Má vontade de Deus!

Senhora - Dos anjos, má vontade dos anjos!

Senhora - Ou é ventre de mãe que não presta!

Senhora (acusadora) – Mulher branca, de útero negro!

Todas – Ave Maria, cheia de graças.... (RODRIGUES, p. 22, 1946).

Ismael torna-se anjo negro por causa da agressividade advinda do ódio. Este comportamento pode ser percebido quando estupra sempre Virgínia durante as noites, quando prende a esposa para que essa não veja mais ninguém além dele, dentre outras ações violentas que o personagem principal comete no decorrer da história. Sendo assim, a ideia de anjo negro apresentada na peça, tem uma concepção boa e outra ruim.

Para Bento (2002) o negro torna-se agressivo contra os brancos porque enxerga nesta figura o seu inimigo comum. Esta autora afirma que, a sociedade muita repressora e que pune ou censura os aspectos humanos, atribuindo uma imagem negativa, acaba por fortalecer a auto discriminação do negro, fazendo com que este dirigi sua agressividade contra o outro.

Ainda no segundo ato, é evidenciado, o repúdio que Ismael tem contra a mãe, por ela ser negra e por ter o gerado com a mesma cor; mas de quem é a culpa por Ismael nascer com a pele escura e rejeitar a sua prole? Da mãe, que não lhe ensinou a amar-se como é? Da sociedade que o oprime? Dele mesmo? Pode-se dizer que todos têm culpa por Ismael alimentar sentimentos de inferioridade, a mãe, a sociedade e ele mesmo. A mãe de Ismael é uma mulher silenciada, em que não defende a cultura afrodescendente e por não fazer com que o seu filho valorizasse a sua própria cor.

A cor da pele é que faz o personagem principal ser agressivo, insensível e invejoso. A inveja toma parte do personagem, quando ele cega seu irmão Elias, propositalmente, por este ser branco, tornando-se assim, um homem sem escrúpulos e sem remorsos, como forma de lutar contra o destino.

No segundo ato Virgínia, trai o marido e tem relação sexual com Elias, onde engravida e pela primeira vez, resolve querer gerar uma criança. Com isso, Ismael mata o irmão com um tiro no rosto, e diz que o filho branco de Virginia, também não sobreviverá.

No terceiro ato, onde são apresentadas as cenas com a filha branca de Virginia, Ismael não deixava que sua esposa tivesse contato com a filha. Só ele poderia vê-la para falar que todos os homens eram negros e que os únicos brancos eram ele e ela, a

menina, acreditava em suas conversas, já que Ismael a cegou. Após Ana Maria completar quinze anos, Ismael mantinha uma relação amorosa com a menina, porém Virgínia ficava com ciúmes, por pensar que a filha tinha tomado o amor do seu marido, por isso, Virgínia a odiava.

Sendo assim, pode-se afirmar que Ismael, por ser negro, não busca uma linha de ruptura contra o modelo de representação que inferioriza o homem de cor, pelo contrário, quando ele afirma para Ana Maria que apenas eles dois eram brancos, acaba por alimentar o preconceito já cristalizado na sociedade. Essa afirmação é também uma forma de realizar o seu grande sonho, que é o de ser branco, pois, para Ana Maria, que não enxergava, Ismael é constituído de uma pele clara e não negra.

Virgínia, também representa uma personagem antagônica, pois as suas atitudes revelam um ser egoísta e sem sentimentos maternos. Primeiro mata os filhos negros, que foram gerados em seu ventre, filhos esses que poderiam mudar a história da família, que talvez, pudessem lutar contra o racismo ou poderiam conseguir unir a família, num todo harmonioso por meio de ações humanizadas. Segundo, ela cria sentimentos de desprezos pela filha branca que tanto desejara, porque esta roubara o amor do seu marido, Ismael.

Ao longo da peça pode ser percebido, também, o preconceito que parte da personagem Virgínia, quando, por exemplo, ela fala para Ismael que se a menina chegasse a ver o rosto dele não o amaria porque ele era negro. Ismael se convence de que Ana Maria realmente se encantou com todas as mentiras que ele tinha dito a ela e isso faz reafirmar a ideia de que ele é um ser desprezível pela raça branca.

Neste ato, percebe-se uma relação de amor e ódio entre Virgínia e Ismael. Virgínia aprendeu a gostar do esposo, mesmo com todos os problemas enfrentados pelo casal, pois apesar da cor, ela nutria de fato, um sentimento amoroso pelo marido. Entretanto, a sociedade era uma das barreiras que separava o casal. Em consequência a isso, Ana Maria representava mais um perigo no relacionamento amoroso dos dois, sendo esta usada como instrumento de vingança, por Ismael para com Virgínia.

Ismael, também demonstra amor por Virgínia no momento em que decide matar Ana Maria por pedido da esposa, deixando a filha trancada em um mausoléu de vidro, onde essa morre, para, assim, poder desfrutar do amor em paz. A morte tornou-se a única solução para resolver o problema amoroso entre Ismael e Virgínia. E sem nenhum ressentimento, Virgínia chama Ismael para o quarto, enquanto Ana Maria morre aos poucos sufocada.

Na peça o que prevalece são sempre os interesses pessoais e sociais. Ismael estupra Virgínia para ter filhos brancos, Virginia os matam pois não quer cuidar de filhos negros. Virginia tem uma filha branca e a quer muito bem, porém, Ismael a seduz e Virginia decide não a querer mais para não roubar o seu grande amor.

Enfim, Ismael representa toda sociedade negra que não aceita a cor da pele e por isso tende a obter comportamentos destrutivos da vida em sociedade. Virgínia representa todas as pessoas brancas que são racistas e que de algum modo tende a conviver com o negro por não ter outra saída, já Ana Maria representa todas as crianças que ao nascer começa a aprender ideal que os adultos ensinam como, por exemplo, ela passou a acreditar que todas as pessoas eram negras tendo em sua mente que tais negros se constituíam de pessoas más. Portanto, Nelson Rodrigues discute em sua obra através dos personagens principais Ismael, Virgínia e Ana Maria a questão do preconceito que está enraizada na sociedade.

REFERÊNCIA

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Org: Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FERNANDES, Florestan. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.
- MOUTINHO, Laura. *Razão “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: UNESP, 2004.
- PHELAN, Peggy. Theatre and its mother: Tom Stoppard’s Hapgood. In: Unmarked: The politics of performance. USA; Canada: Routledge, 1993, pp. 112-129.
- RODRIGUES, Nelson. *Anjo Negro*. Rio de Janeiro. Nova fronteira, 1946.
- SANTOS, Helio. *A busca de um caminho para o brasil. A trilha do circulo vicioso*. São Paulo: Ed, SENAC, 2001.